



COM AS LETRAS TAMBÉM SE FEZ O ABOLICIONISMO: O CASO DE REVOCATA E JULIETA DE MELLO

ETIANE CARVALHO NUNES¹; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – etianecnunes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Caracterizado como um movimento social (MACHADO, 2010; ALONSO, 2014), o abolicionismo congregou uma diversidade de atores sociais, dentre eles as mulheres. Pouco se falou delas e das formas de atuação, mas felizmente, novas pesquisas têm sido realizadas a fim de entender como elas se inseriram, sob quais premissas e quais as atividades desenvolvidas nesse movimento que teve contornos políticos. Este aspecto muito provavelmente expandiu o acesso das mulheres aos debates políticos e a circulação em espaços públicos. Os homens foram maioria, mas eles não fizeram tudo sozinhos e, apesar de participação não ser sinônimo de igualdade (ALONSO, 2014), trazer as mulheres para o debate historiográfico se mostra relevante, enquanto uma categoria marginalizada e minoritária em termos de direitos. Em parceria com os homens ou de forma independente, elas atuaram politicamente, no entanto, construiu-se uma justificativa para tanto fundamentada nos valores morais superiores atribuídos ao sexo feminino no decorrer do século XIX. Logo, a caridade era entendida como uma virtude naturalmente feminina e a prática filantrópica esperada e incentivada, culminando em um processo de feminilização da filantropia durante o oitocentos (MARTINS, 2015). Assim, foi comum às mulheres, sobretudo às da elite, cuidar e prestar auxílio aos mais necessitados, como crianças em situação de vulnerabilidade em escolas e orfanatos, de acordo com Hahner (2018). Nessa perspectiva, o conceito de gênero desenvolvido por Scott (2018) pode ser aplicado a este trabalho para explicar os diferentes papéis socialmente construídos para homens e mulheres em função do sexo em um movimento social.

A imprensa, principal fonte usada neste trabalho, deu visibilidade para as ações femininas no abolicionismo e reforçou esse discurso, tratando-as mais como filantropia do que como um ato político. A concessão de liberdades, a promoção e colaboração em eventos benéficos e a associação em clubes abolicionistas foram os modos de atuação mais recorrentes, segundo as fontes consultadas. Porém, a publicação de textos nesses periódicos também foi uma forma encontrada por aquelas mulheres que dedicaram suas vidas às letras. Alusivo disso, as irmãs Julieta e Revocata de Mello compartilharam da mesma profissão e, juntas, manifestaram-se a favor da abolição. Além de professoras e educadoras, ambas foram escritoras e, por intermédio dessa habilidade, defenderam os escravizados e postularam por direitos das mulheres. Assim sendo, o presente trabalho visa investigar e compreender a participação de um grupo de mulheres na campanha abolicionista, concentrando a análise no caso das referidas irmãs, elas que, ao longo da década de 1880, tiveram suas críticas sociais publicadas nos periódicos locais.

2. METODOLOGIA

A investigação da participação de Julieta e Revocata no movimento a favor da abolição da escravidão no sul do Brasil se deu através da análise documental de fontes primárias e secundárias. Levando em consideração o recorte temporal



adotado, isto é, a década de 1880, e as fontes disponíveis para consulta na Biblioteca Pública Pelotense, pesquisou-se em periódicos locais, como o *Diário de Pelotas* e *A Discussão*. Enquanto isso, por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram examinadas notícias envolvendo essas mulheres no jornal *A Federação*, de Porto Alegre. A bibliografia existente sobre a produção literária também foi utilizada com o propósito de completar informações acerca da biografia das irmãs. Assim, a análise do conteúdo de seus escritos e os laços familiares ajudam a entender como elas se colocaram perante a sociedade a respeito de determinado fato, neste caso o abolicionismo, e a refletir sobre os papéis femininos no final do século XIX diante de um movimento social como foi o abolicionismo e as possibilidades de atuação política.

Tratando-se de periódicos, Luca (2018) alerta os historiadores e historiadoras sobre os cuidados que se deve ter ao empregá-los como fonte histórica. Assim como todo documento, os jornais também possuem sua subjetividade e, por isso, é fundamental fazer a crítica e historicizar tais fontes, questionando quem as produziu, sob qual pretensão e para qual público se destinava. A abordagem micro-analítica embasou a pesquisa realizada até o momento, a qual sugere o estudo de um caso particular a partir da redução da escala de análise. Um dos métodos é rastreamento e localização do nome próprio no maior número de fontes possíveis, com o intuito de reconstruir a teia de relações, os espaços explorados e os diversos contextos em que os indivíduos integraram (GINZBURG; PONI, 1989).

Conforme Levi (2015), essa abordagem oferece uma série de fenômenos que não seriam observáveis em uma escala macro. Além disso, buscar uma compreensão histórica apoiada na micro-história oportuniza enxergar as diferenças, as contradições, as incoerências e as incertezas transversais a todos os indivíduos. Aproximar o olhar permite visualizar os contextos, os sujeitos e as relações estabelecidas entre eles em sua complexidade, oportunizando conhecer histórias como as das irmãs de Mello. Parceiras de vida e de luta, não deixaram de usar dos meios a elas disponíveis para se posicionarem em frentes como a do abolicionismo.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Alonso (2014), existiram associações antiescravistas desde a década de 1850. Desde então, em função da movimentação social que crescia, tornou-se uma agenda na esfera institucional. A campanha se espalhou pelo país e reuniu uma variedade de sujeitos, diferentes entre si étnico-racial, econômica, juridicamente e em função, ainda, do gênero. Revocata (1853-1944) era natural de Porto Alegre, enquanto Julieta (1855-1928), em razão da mudança feita pela família, nasceu na cidade portuária de Rio Grande. As irmãs seguiram os mesmos passos de seus familiares, os quais eram intelectuais, escritores e jornalistas (GEPIAK, 2017). Juntas, criaram uma série de periódicos dedicados à divulgação da literatura feminina, sendo *O Corymbo* (1883-1944), publicado em Rio Grande, o mais longevo e de maior destaque. Devido a estes trabalhos, Revocata e Julieta adquiriram prestígio social e, por esse motivo, sua produção literária e crítica social contribuíram para a formação de uma opinião pública. O trabalho desenvolvido por elas se tornou relevante, sendo a memória delas preservada até hoje, dada a existência de uma escola e uma rua no município que levam o nome de Revocata.

Elas não ficaram alheias aos assuntos pautados no período em que viveram, como mostram as fontes documentais. O tema da abolição da escravidão e o modo pelo qual ela se daria foram assuntos recorrentes, tornando-se uma pauta quase que diária na imprensa. Enquanto jornalistas, Revocata e Julieta se manifestaram



a respeito e se declararam apoiadoras do movimento abolicionista, como mulheres e na posição de formadoras de opinião, a narrativa adotada, influenciada pelas concepções em torno do feminino no século XIX, argumentaram que as mulheres deveriam participar do abolicionismo. Assim, acabaram endossando o aspecto humanitário da campanha pelo fim da escravidão, uma vez que se pressupunha que as mulheres eram essencialmente caridas, generosas e predispostas a prestar ajuda ao próximo. Em um apelo direcionado à todas as mulheres da província do Rio Grande do Sul, reproduzido pelo jornal *A Discussão* no ano de 1884, em Pelotas, Julieta pediu para que elas auxiliassem “na caridosa cruzada que encetou”, referindo-se ao abolicionismo. Ela continuou seu discurso falando que cabia às mulheres com corações sensíveis intercederem a favor dos escravizados e finalizou encorajando-as a saírem às ruas para arrecadar fundos, pois as verdadeiras rio-grandenses são corajosas, caritativas e generosas.¹

Assim como Julieta, em 1886, Revocata reafirmou a importância da participação feminina nas páginas do *Diário de Pelotas*, mas, além disso, sensibilizou-se com a mulher negra escravizada ao dizer que as mulheres deviam compreender e compartilhar dos sofrimentos da mulher negra, pois elas possuíam as mesmas faculdades e o sentimentalismo presente nas mulheres brancas. Ela reproduziu a noção de que o sexo biológico determina o gênero e acabou homogeneizando as mulheres em função disso, desconsiderando a violência e a exploração experimentadas pelas mulheres no cativeiro, que tiveram sua liberdade cerceada, o que as torna muito diferentes. O fato de partilharem o sexo justificaria um comportamento encorajado por Revocata, ou seja, de se colocar no lugar do outro, demonstrando uma espécie de empatia. A Interseccionalidade como uma ferramenta metodológica permite observar as diferentes opressões e vivências que atravessam os indivíduos em razão da raça e outros eixos. Apesar disso, sua fala indica mais uma vez o apoio ao movimento abolicionista, o incentivo dado às mulheres para se juntarem a causa e a preocupação com aquelas que estavam sob regime de trabalho escravo.

Após a promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, Revocata permaneceu ligada à causa dos ex-escravizados, agora libertos, através de sua intelectualidade e habilidade com as letras. Ela foi responsável por escrever a letra do hino da sociedade 28 de Setembro, de Rio Grande, formada por homens de cor.² Nota-se, portanto, que as irmãs Mello usaram os meios disponíveis a elas, em um contexto no qual existia expressiva hierarquização de gênero, para expressarem suas visões de mundo e contribuir com o abolicionismo no sul do Brasil.

4. CONCLUSÕES

Com base na análise das fontes e na bibliografia é possível afirmar que um grupo de mulheres colaborou com o movimento abolicionista brasileiro. Se a campanha contribuiu para a extinção do trabalho escravo, pressionando a esfera política-institucional, as mulheres também contribuíram com a causa, sendo Julieta e Revocata de Mello um exemplo disso. O abolicionismo foi um movimento de caráter social, diverso, multifacetado e heterogêneo, reunindo uma variedade de atores sociais. Assim sendo, homens e mulheres atuaram em espaços públicos e privados, de formas também diferentes. Os papéis sociais construídos no final do

¹ **A Discussão**, Pelotas, 28 de agosto de 1884, p. 1. Acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

² **A Federação**, Porto Alegre, 19 de maio de 1891, p. 2. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

século XIX prescreviam as atribuições de cada um, cabendo às mulheres o ato do cuidado. Foi revestido de humanitário que o ativismo político feminino no abolicionismo foi justificado, sobretudo pela imprensa que conferia às mulheres elogios e, consequentemente, prestígio social. O caso analisado neste trabalho é um recorte da pesquisa em andamento e se propõe a refletir e melhor entender como as mulheres participaram do abolicionismo e quais os significados disso. A maioria delas atuou libertando escravizados, fazendo doações para festas benfeitoras, promovendo apresentações artísticas e culturais.

Além disso, Julieta e Revocata ilustram uma outra forma de contribuição: a escrita. Por serem professoras, educadoras e jornalistas e nascidas em uma família reconhecida pela produção literária, é provável que a divulgação de suas convicções pela imprensa tinha a intenção de provocar repercussão na localidade, formar e influenciar a opinião pública. Quanto ao conteúdo dos seus escritos sobre o abolicionismo, elas se mostraram apoiadoras do movimento, incentivadoras da participação feminina, mas, em função do contexto no qual estavam inseridas, reforçaram a ideia de que as mulheres, por serem naturalmente caridosas, deviam praticar a filantropia para com os escravizados. Isso, contudo, não anula em nada o ativismo, cujo caráter político foi disfarçado de humanitário e benemerente, a fim de manter a ordem social e a honra das famílias. Porém, escolher participar do movimento fez da atuação feminina um ato político, aproximou e ampliou as possibilidades de circulação nos espaços públicos e o acesso aos debates políticos, algo que impactou a vida dessas mulheres, politizando-as ainda mais. Certamente este fato foi fundamental para o fortalecimento de uma consciência política. O abolicionismo propiciou vislumbrar a possibilidade de atuação social e política, comportamento que, nas décadas seguintes, será mais recorrente, culminando na conquista de alguns direitos, como o voto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, A. **Flores, votos e balas**: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- GINZBURG, C.; PONI, C. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2018.
- GEPIAK, L. C. **Para além da inflorescência**: a produção intelectual de Revocata Heloísa de Melo no contexto da literatura sul-rio-grandense. 2017. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande.
- HAHNER, J. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, M. J. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.
- MACHADO, M. H. P. T. **O plano e o pânico**: os movimentos sociais na década da abolição. 2^a ed. São Paulo: Edusp, 2010.
- MARTINS, A. P. V. A feminilização da filantropia. **Gênero**, Niterói: v. 15, n. 2, p. 13-28, 1^º sem. 2015.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.